

A BACHAPOSH: REFLEXÕES SOBRE PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA SOCIEDADE AFEGÃ

Cícero Clementino de Oliveira¹; Josinete Lopes de Souza²

Resumo: Esse trabalho discute a performatividade de gênero presente na experiência de mulheres afegãs, definida como *bachaposh*. Na obra, *As meninas ocultas de Cabul: Em busca de uma resistência secreta no Afeganistão* (2016), a escritora e jornalista sueca, Jenny Nordberg (2016) percorre as ruas de Cabul a procura de mulheres que passaram a infância e parte da adolescência vivendo como meninos, em uma prática milenar chamada *bachaposh*, que em uma tradução literal significa vestida como menino. Através da análise dessa obra e do romance *A pérola que rompeu a concha*, da autora afegã Nadhia Hashimi (2017), associada às reflexões de Judith Butler sobre performatividade de gênero, o objetivo deste estudo é entender o que é ser uma *bachaposh* num contexto extremamente patriarcal e heteronormativo, como se percebe na sociedade afegã. Também é interesse dessa pesquisa refletir sobre as condições e motivações pelas quais a família da criança decide “transvestir” sua filha como um menino até certo tempo de sua vida e de que modo essa prática reafirma e/ou interroga as relações e performatividade de gênero hegemonicamente instituídas.

Palavras-chave: Gênero. Performatividade. *Bachaposh*. Mulheres. Afeganistão.

1. Introdução

Os estudos de Gênero são de extrema importância para o campo das Ciências Humanas, uma vez que este, por muito tempo influenciado por ideais oitocentistas, apagou a existência das mulheres na história, visto que somente os grandes homens eram considerados sujeitos históricos. Além disso, acreditava-se que o gênero era determinado pela natureza.

Entretanto, na atualidade, no campo acadêmico essa visão foi descartada graças à ampla difusão dos estudos feministas e de gênero a partir da década de 1970, como nos informa Scoot (1995) e, mais contemporaneamente, por Judith Butler (2010), ao interrogar os fundamentos identitários e binários que distinguem sexo(natureza) e gênero(cultura); masculino e feminino; homossexualidade e heterossexualidade.

O romance *A pérola que rompeu a concha*, da autora afegã, Nadhia Hashimi (2017) relata a história de duas mulheres, Shekiba e Rahima, que

¹ Universidade Regional do Cariri; cicero.oliveira96@urca.br. Atualmente é integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História e Subjetividade – GEPHS.

² Universidade Regional do Cariri; josinete.souza@urca.br

viveram em contextos históricos diferentes no Afeganistão. A primeira nascera na passagem do século XIX para o XX: “em um Afeganistão cobiçado lascivamente pela Rússia e pela Grã-Bretanha. Os dois países se alternavam na promessa de proteger as fronteiras que tinham acabado de invadir” (HASHIMI, 2017, p. 18). Enquanto a segunda, presenciou na infância o fim do domínio do Talibã em 2011, com a invasão dos EUA e da OTAN.

Embora estejam em tempos diferentes, elas têm algo em comum, além do dna: ambas foram *bachaposh*, em algum momento de suas vidas elas trocaram seus gêneros por um tempo determinado. *Bachaposh* é uma prática cultural afegã onde a família decide trocar o gênero de uma das suas filhas para esta ser o tão aguardado filho homem. Em um país marcado por uma tradição paternalista e misógina, onde cada gênero ocupa um lugar bem definido nessa determinada cultura, inicialmente acreditei se tratar de uma ficção. Um pai permitir que sua filha trabalhasse vestida de garoto me pareceu um pouco irreal.

Motivado pela leitura desse romance, iniciei a pesquisa em busca de fontes para entender melhor essa peculiar prática cultural afegã. Encontrei o livro intitulado, *As Meninas Ocultas de Cabul: em busca de uma resistência secreta no Afeganistão*, da escritora sueca, Jenny Nordberg (2016). Para realizar essa obra, Nordberg percorre as ruas de Cabul, entre 2010 e 2011, à procura de meninas que passam a infância e parte da adolescência vivendo como meninos, em uma prática chamada *bachaposh*, que, em uma tradução literal, significa vestido como menino. Conforme aponta NORDBERG: “As famílias podem ser ricas, pobres, educadas, iletradas, pachtos, tadjiques, hazaras(...) não faz diferença. A única coisa que une as meninas é a necessidade da família ter um filho” (p.80).

2. Objetivo

O objetivo desse trabalho é compreender como a *bachaposh* produz deslocamentos e/ou reafirmações da performatividade de gênero, numa sociedade rigidamente heteronormativa e binária como se mostra a sociedade afegã. Pretende-se analisar como essa experiência, vivida entre a infância e adolescência das meninas afegãs, afeta suas vidas como mulheres adultas; em que condições e por quais motivações as famílias afegãs adotam essa prática até

hoje? Essas são algumas questões que orientam nossas reflexões nesse momento.

3. Metodologia

Na fase inicial dessa pesquisa será privilegiada a análise das narrativas presentes nas obras, *A pérola que rompeu a concha*, da autora afegã, Nadhia Hashimi (2017) e *As Meninas Ocultas de Cabul: em busca de uma resistência secreta no Afeganistão*, da escritora sueca, Jenny Nordberg (2016), em diálogo com as reflexões de Judith Butler sobre performatividade de gênero, uma vez que prática de *bachaposh* produz, mesmo que temporariamente, deslocamentos relevantes na performatividade de gênero imposta às meninas afegãs.

4. Resultado

Numa aproximação inicial com essas narrativas, observa-se que a sociedade afegã exige das mulheres casadas um filho do sexo masculino a qualquer custo. Todas as mães são penalizadas caso não concebam um menino. Neste contexto, o que ocorre quando um casal somente tem filhas do sexo feminino? Para responder essa pergunta incorre-se a uma paráfrase de uma citação muito conhecida de Beauvoir: No Afeganistão, quando não se “nasce um homem, torna-se um homem”, aquele que elevará o status de sua família. Na família afegã há sempre uma grande expectativa para a chegada do filho homem.

Na obra de Nordberg (2016), ao investigar a população local, ela descobre que a prática é antiga e milenar e já existia antes da chegada do islamismo ao país. Conforme os relatos, ter uma *bachaposh* também traria boa sorte à mãe que teria o seu tão aguardado filho homem.

Como há muitas histórias na obra, para fins didáticos, conheceremos o depoimento de Shukra que passou a maior parte de sua vida sendo um menino. Em 2007, época em que Nordberg iniciou sua jornada, essa afegã de 35 anos trabalhava como enfermeira em um hospital de Cabul em meio a todo caos da guerra pós-talibã. Ela se casou aos vinte anos, trinta dias após voltar a ser uma mulher. Quando nasceu foi apresentada como Shukur com uma missão que nas palavras da sua família era honrosa e digna. O então menino teria que proteger seu irmão mais velho, este fora envenenado pela primeira esposa do seu pai, por

uma vingança, pois esta não conseguira conceber um primogênito, assim como os dois primeiros bebês do sexo masculino que acabaram não resistindo:

Ainda conforme Nordberg, para Shukur a sua vida como menino fora a melhor época de sua vida. Tinha mais liberdade que suas irmãs mais novas, que enquanto ficavam presas em casa aprendendo trabalhos domésticos, Shukur e seu irmão mais velho percorriam as ruas caóticas de Cabul, chegando até mesmo a ingressarem numa gangue composta por outros rapazes.

Segundo os relatos de outras pessoas entrevistadas, o fato de uma família ter uma *bachaposh* é uma prática aceita, desde que a criança volte a ser mulher antes de se tornar uma adolescente, quando deve casar-se e seguir o exemplo de uma verdadeira mulher islâmica: ser submissa ao marido e conceber filhos para continuar a sua linhagem. Assim, quando completou 17 anos, no começo dos anos de 1990, sua vida mudou completamente.

O Talibã, grupo sunita fundamentalista islâmico, tomou o controle de Cabul, impondo inúmeras leis rígidas, afetando principalmente as mulheres que já não podiam estudar e muito menos sair desacompanhadas. Além disso, o rígido código indumentário feminino, sendo obrigatório cobrir todo o seu corpo. Com a expansão do grupo os sexos foram ainda mais segregados, e o travestimento fora criminalizado.

Preocupados com o futuro da sua filha, assim como o interesse pelo dote da família do noivo, Shukur é obrigado a voltar a seu gênero biológico, transformando-se novamente em Shukria. A cerimônia ocorreu um mês após voltar a desempenhar o papel feminino. O então Shukur torna-se uma mulher em uma conjuntura nada favorável a sua situação. Shukria fora criada distante das mulheres, é um universo inteiramente novo. Ela teve que aprender a se comportar como uma mulher, construir sua feminilidade. Foi obrigada a se comportar como uma mulher afegã tradicional. Com muita dificuldade aprendeu a andar olhando para baixo, visto que olhar para um homem era sinal de pecado e impureza. A sua vida social mudou completamente, segundo relatos da jornalista, a jovem teve dificuldades de conviver com outras mulheres, que “usavam uma linguagem que ela não entendia, sobre comida, roupas, filhos, maridos... sente-se solitária” (NORDBERG, 2016, p.189-190). Com o tempo, a enfermeira construiu sua identidade feminina com base na conduta das outras mulheres.

As obras selecionadas para esse trabalho trazem um conjunto de outros relatos que possibilitam interrogar sobre os atos performativos de gênero aos quais essas mulheres são submetidas, ora para afirmar uma masculinidade, ora para “reafirmar” uma feminilidade, de acordo com as conveniências impostas pela família.

5. Conclusão

Judith Butler compara o gênero como um idioma, um discurso, onde cada qual tem sua fonética, morfemas e elementos sintáticos, sua linguagem oral. “Assim como uma criança aprende sua língua, os comportamentos de gênero são apreendidos.” (BUTLER, apud NORDBERG, 2016). Com isso, gênero e sexo não são expressões de uma essência ou natureza a-histórica, ambos são culturalmente produzidos. De acordo com Butler, o gênero não é uma inscrição cultural sobre o sexo biologicamente definido. O depoimento de Shukria nos dá testemunho disso:

Seu lado masculino ‘pegou’ de uma maneira ‘natural’, como diz ela... Todas as outras coisas — todas as coisas femininas — ela tem de se lembrar e se corrigir constantemente.

Você pensa que então que o gênero está totalmente em sua cabeça. Sei que está. É a maneira como crescemos[...] eu vivi isso pessoalmente. Você aprende tudo. Está na mente e no meio ambiente.

6. Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HASHIMI, Nadhia. **A pérola que rompeu a concha**. Editora Arqueiro Ltda, 2017.

NORDBERG, Jenny. **As meninas ocultas de Cabul: Em busca de uma resistência secreta no Afeganistão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, 1995, p-71-99.